

# **ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021**

## **TRAÇOS GERAIS E CARACTERIZAÇÃO DA INTELIGÊNCIA BRASILEIRA EM GUERREIRO RAMOS**

Márcio Ferreira de Souza

Doutor em Sociologia (UFMG)

Docente no Instituto de Ciências Sociais da Universidade Federal de Uberlândia

[marciosouza@ufu.br](mailto:marciosouza@ufu.br)

Resumo: Tenho como objetivo identificar os traços gerais e a caracterização da inteligência brasileira, segundo Guerreiro Ramos. Autor que chamou atenção para a existência de dois tipos de teorizações no campo das ciências sociais: uma “ideológica” e outra “sociológica” (ou científica). Em meu percurso metodológico visou realizar um levantamento da história das ideias em Guerreiro Ramos para, em seguida, analisar os textos selecionados considerando-os cronologicamente, a partir de suas publicações dos anos 1950 até o início da década de 1980, com o intuito de identificar e compreender suas classificações e categorizações sobre os intelectuais brasileiros. Ao reconhecer o valor “sociológico” das produções ensaísticas, sobretudo no contexto pré-institucionalização da sociologia no Brasil, as considerou como tentativas de teorizações da realidade brasileira, a exemplo de cinco gerações sobre as quais refletiu: os republicanos 1870; os positivistas; a geração de Sílvio Romero, cuja História da Literatura Brasileira (1888) considera como o “primeiro esforço de interpretação sociológica do Brasil”; a geração da Primeira Guerra Mundial (“ideólogos da ordem e progresso”) e a geração da Revolução de 1930.

Palavras-chave: Guerreiro Ramos, Inteligência brasileira, sociologia dos intelectuais.

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

## TRAÇOS GERAIS E CARACTERIZAÇÃO DA INTELIGÊNCIA BRASILEIRA EM GUERREIRO RAMOS

### Introdução

Em diferentes momentos de sua trajetória Alberto Guerreiro Ramos (1915-1982) se dedicou a uma história das ideias no Brasil, ainda que não tenha sido um historiador no sentido estrito. Abordagens sobre a inteligência (ou intelectualidade) brasileira foram exploradas por Guerreiro Ramos em publicações diversas. Entre suas análises acerca do tema em tela, destacam-se aquelas presentes em estudos como *O processo da sociologia no Brasil* (1953); *Notas para um estudo crítico do Brasil* ([1954] 1995); *Esforços de teorização da realidade nacional politicamente orientados, de 1870 aos nossos dias* ([1955], 1995); os textos que compõem *Três momentos ideológicos do Brasil* (1961) e *A inteligência brasileira na década de 1930, à luz da perspectiva de 1980* (1983). Nas referidas publicações Guerreiro desenvolveu, ora uma crítica mais generalizada a setores e/ou grupos da inteligência nacional, ora uma crítica de modo mais particular dirigida a determinadas figuras da intelectualidade brasileira. Num sentido geral, ao se dedicar a uma história das ideias este pensador contribuiu de modo relevante para a construção de uma sociologia dos intelectuais no Brasil (SOUZA, 2009).

Sua percepção acerca da inteligência brasileira pode ser aproximada à de Jean-Paul Sartre (1994) sobre o que é um intelectual. Na visão sartreana o intelectual é aquele dividido entre a ciência e a política, portanto é um “homem-contradição”<sup>1</sup>. Procurando definir sociologicamente a *intelligentzia*, Guerreiro lança mão de duas características que a compõe: o “pensar independente” e a “militância”. Neste sentido, a aproximação de Guerreiro Ramos com Sartre se dá tanto em termos de ideias sobre o significado do intelectual, como no aspecto da militância que caracterizou a trajetória de ambos. Por outro lado, é possível, também, compreender melhor a relevância que Guerreiro Ramos irá conceder a uma gama de autores nacionais que desenvolveram uma perspectiva “sociológica” antes mesmo da própria institucionalização da Sociologia no Brasil.

Meu propósito é o de reunir um conjunto de textos de autoria de Guerreiro Ramos, que tratam da história das ideias no Brasil e da intelectualidade brasileira. Tenho como objetivo identificar os traços gerais da inteligência brasileira e as categorizações estabelecidas por Guerreiro Ramos em relação aos “esforços de teorizações sobre o Brasil”. Por meio desse conjunto de textos é possível compreender alguns dos fundamentos básicos que constituem o corpus teórico de Guerreiro sobre um tema chave em sua obra: o desenvolvimento nacional (Souza, 2009). Em seus estudos críticos sobre os intelectuais brasileiros Guerreiro chamou atenção para a existência de dois tipos de teorizações no campo das ciências sociais: uma “ideológica” e outra “sociológica” (ou científica). O primeiro tipo assume uma característica “sectária” no

---

<sup>1</sup> Em *Guerreiro Ramos e o desenvolvimento nacional* (SOUZA, 2009) desenvolvo uma breve discussão acerca de sua abordagem sobre a inteligência destacando como referência, para além de Sartre, autores como Max Weber e Karl Mannheim. Também contraponho as visões de Sartre e de Norberto Bobbio acerca do significado de “intelectual”. Para evitar a redundância não tratarei aqui dessas variadas visões sobre os intelectuais que, caso seja de interesse aos leitores, estão registrada em Souza (2009).

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

que “visa a justificar os interesses particulares de um grupo ou de uma classe” e toma um “caráter aparente de ciência” (Ramos, 1995: 61). O segundo tipo “resulta de uma atitude crítica e autocrítica, radical, interessada em formular uma concepção configurada da realidade social” (Ramos, 1995: 61).

Na década de 1950 tais produções originaram de uma série de conferências que foram, publicadas, posteriormente, em seu livro *Introdução crítica à sociologia brasileira* ([1957], 1995) e de publicações na revista *Cadernos de Nosso Tempo*, como é o caso de *Três momentos ideológicos do Brasil*, subdivididos em *A ideologia de “Jeunesse Dorée”* (1955) e *O inconsciente sociológico* (1956) que foram, posteriormente, reunidos no livro *A crise do poder no Brasil* (1961) que incorpora, também, o texto intitulado *A ideologia da Ordem* (1961)<sup>2</sup>. *A inteligência brasileira na década de 1930, à luz da perspectiva de 1980* foi apresentado no Seminário sobre a Revolução de 30 (CPDOC- FGV, 1983). Nesse último texto em que enfrenta o desafio de classificar e caracterizar a inteligência brasileira, Guerreiro apresentou como tese central o enunciado de que a geração de intelectuais que viveu no contexto da Revolução de 1930 dedicou notáveis esforços interpretativos e de configuração institucional do país. Entretanto, não atingiu uma transcendência dos limites da história modernista da sociedade ocidental, aos quais estavam confinados (Ramos, 1983).

Em meu percurso metodológico visou realizar um breve levantamento da história das ideias em Guerreiro Ramos para, em seguida, tecer breves comentários aos seus textos, considerando-os cronologicamente a partir da produção dos anos 1950 até o início da década de 1980, com o intuito de identificar e compreender suas classificações e categorizações sobre os intelectuais brasileiros. Me atento para o olhar de Guerreiro sobre a fase anterior de institucionalização da sociologia no país<sup>3</sup>, considerando suas ressalvas sobre os “bons e maus exemplos” desses esforços teóricos e a existência de intelectuais que, desde o século XIX, aproximaram-se da sociologia sem, necessariamente, criar uma obra sociológica propriamente dita, mas que foram pioneiros em significativas reflexões de ordem sociocultural e política. Ao reconhecer o valor “sociológico” destas produções, as considerou como tentativas (ainda que nem sempre bem sucedidas) de teorização da realidade brasileira, a exemplo de cinco gerações específicas que são por ele analisadas: a geração de republicanos 1870; a geração dos positivistas; a geração de Sílvio Romero, cuja *História da Literatura Brasileira* (1888) foi considerada como o “primeiro esforço de interpretação sociológica do Brasil”; a geração da Primeira Guerra Mundial (“ideólogos da ordem e progresso”) e a geração da Revolução de 1930.

---

<sup>2</sup> Na obra *A crise do poder no Brasil* Guerreiro incorpora, como apêndice, um curto estudo intitulado *Caracteres da “Intelligentzia”*, que fora publicado anteriormente no suplemento dominical de *Jornal do Brasil* (3 de fevereiro de 1957), por meio do qual observa que, no Brasil, somente no contexto da segunda metade da década de 1950 é que “surge propriamente uma *intelligentzia*” (1961: 189). Ainda que não tenha deixado explícito, intuo que ele estava considerando, certamente, a própria atuação dos intelectuais no interior do Instituto Superior de Estudos Brasileiros que, em conexão com a ideologia nacional desenvolvimentista encarnavam o sentido de *intelligentzia* em seu aspecto intencionalmente político e militante.

<sup>3</sup> O processo de construção institucional e intelectual da Escola Livre de Sociologia e Política e da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, respectivamente em 1933 e 1934, marcam o período de institucionalização das Ciências Sociais no Brasil, com a inserção dos primeiros cursos de Ciências Sociais no país (MICELI, 1989).

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

## Algumas considerações sobre os traços gerais e caracterizações da inteligência brasileira em Guerreiro Ramos

A produção intelectual de Guerreiro Ramos tem início na década de 1930 quando, ainda na Bahia, seu estado natal, esteve vinculado a grupos católicos e à Ação Integralista Brasileira (OLIVEIRA, 1995; MAIO, 2015), colaborando com a revista *Cultura Política* e com o periódico *O Imparcial*, publicando textos de crítica literária; além da publicação de um livro de poemas (*O drama de ser dois*, 1937). Atuando no Rio de Janeiro, para onde se transfere em 1939, publicou artigos na revista *Cadernos da Hora Presente* e, na década de 1940, em periódicos como *A Ordem*, *O Jornal*, *A Manhã* e no jornal *Quilombo* (DOMINGUES, 2008), criado em 1948 no Teatro Experimental do Negro liderado por Abdias do Nascimento (1914-2011), ainda explorando num primeiro momento o tema da cultura. A partir de 1943 passou a atuar nos quadros técnicos do DASP (Departamento Administrativo do Serviço Público) como analista de projetos de organização para o Departamento de Agricultura, para o sistema penitenciário e de polícia, chefiando o recrutamento pessoal e integrou, também, a equipe editorial da *Revista do Serviço Público* (OLIVEIRA, 1995; MAIO, 2015), espaço onde publicou uma série de artigos técnicos científicos.

Se em seus anos de atuação no DASP inicia uma fase voltada para a crítica ao modo de se fazer sociologia no Brasil, é na década de 1950, mais precisamente com a publicação de *O processo da sociologia no Brasil – esquema de uma história das ideias* (RAMOS, 1953), que é possível identificar um marco da intensificação na sua produção crítica sobre a sociologia brasileira e o prenúncio de uma classificação sobre a inteligência brasileira. Guerreiro atuou como professor de sociologia na Escola Brasileira de Administração Pública desde a fundação dessa instituição, em 1952. A propósito, neste mesmo ano iniciou sua participação no Instituto Brasileiro de Economia, Sociologia e Política (IBESP), que teve como fruto o Instituto Superior de estudos Brasileiros (ISEB), por onde publicou duas obras marcantes: *Introdução crítica à sociologia brasileira* (1957) e *A redução sociológica* (1958).

Em *O processo da sociologia no Brasil* encontramos a denúncia de Guerreiro ao caráter alienígena como marca da sociologia brasileira, denominando-a como uma sociologia “enlatada”: “A cultura de nossos homens de prol é, por assim dizer, uma espécie de sobremesa do país. Passa pelas alfândegas. Classifica-se na ordem dos enlatados ou conservas.” (RAMOS, 1953: 34). As ideias formuladas neste livro irão repercutir em outros de seus trabalhos e também foram expostas no II Congresso Latino Americano de Sociologia (Rio de Janeiro e São Paulo, entre 10 e 17 de julho de 1953). Foi neste evento que apresentou a defesa de algumas recomendações para a construção de uma sociologia nacional (de caráter salvacionista) e enfrentou algumas polêmicas. Resultou, daí, a produção de pelo menos nove artigos dominicais que foram publicados, entre 26/07/53 a 04/10/53, no *Diário de Notícias*, do Rio de Janeiro. Na *Cartilha Brasileira do Aprendiz de Sociólogo*, que mais tarde foi republicada em *Introdução crítica à sociologia brasileira* (1957), esses artigos foram reelaborados e enriquecidos contendo sete recomendações para o desenvolvimento da sociologia no Brasil. Tais recomendações são sintetizadas a partir da contraposição entre uma “sociologia enlatada” versus uma “sociologia dinâmica”. Em suma, Guerreiro Ramos destaca a necessidade de emergência de uma autocrítica para a sociologia brasileira,

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

argumentando em prol da superação de uma “consular”, “enlatada” por meio de uma sociologia dinâmica, que “se pensa com as mãos”, conforme apresentou em suas teses postas no plenário do II Congresso Latino-americano de Sociologia.

Essas orientações foram formuladas a partir de seu olhar acerca da inteligência brasileira, sobre a qual estabeleceu uma caracterização mais genérica afirmando-a como “um episódio de expansão cultural dos países da Europa e dos EUA”, em contraposição a uma corrente que procura se servir do trabalho sociológico universal “como instrumento de autoconhecimento e desenvolvimento das estruturas nacionais e regionais” (1995, p.107). Corrente que defendeu com mais veemência e que esteve em franca sintonia com o contexto político brasileiro de propagação da ideologia nacional-desenvolvimentista.

Em Guerreiro Ramos nota-se, porém, certa condescendência com autores do porte de Oliveira Vianna e Sílvio Romero, por exemplo. Em *O processo da sociologia no Brasil*, ressaltou o sociólogo fluminense como a autor exemplar que serviu, em diversos momentos de sua obra, para a construção de uma ciência social autêntica. Mesmo que tenha enxergado fortes equívocos sobre o tema da raça em Oliveira Vianna julgou-o como autor que “soube vencer a tentação de tratar o negro no Brasil como elemento exótico e petrificado. Tratou-o como brasileiro” (RAMOS, 1995: 182-183). Sobre Sílvio Romero, Guerreiro irá dedicar um tópico específico ao autor no texto em que desenvolve uma análise sobre o que considerou como esforços de interpretação sobre a realidade do Brasil, desde 1870, sobre o qual trato em seguida. No texto “O tema da transplantação na sociologia brasileira”, publicado como anexo do livro *Introdução crítica à sociologia brasileira* ([1957], 1995)<sup>4</sup>, Guerreiro Ramos destaque a relevância de Oliveira Vianna e Sílvio Romero - acrescenta-se aqui, Alberto Torres – como aqueles que deram continuidade a uma “tradição de estudos teórico-pragmáticos” inaugurada pelo Visconde do Uruguai: “Todos eles não se satisfazem apenas em interpretar, propõem-se transformar o país” (Ramos, 1995: 276). Neste texto, Guerreiro considera a *História da Literatura Brasileira* (1888), de Romero, como o “primeiro esforço de interpretação sociológica do Brasil” (p.277).

Em *Introdução crítica à sociologia brasileira* Guerreiro Ramos se dedica a textos específicos sobre a caracterização da inteligência brasileira, revelando os seus passos desenvolvidos para estabelecer uma classificação geral sobre nossos “cientistas sociais”. Toda a primeira parte do livro é dedicada ao tema, a exemplo de “Notas para um estudo crítico da sociologia no Brasil” no qual, ao desenvolver um balanço sobre a

---

<sup>4</sup> A edição original da *Introdução Crítica à Sociologia Brasileira* data de 1957 (Rio de Janeiro, Editorial ANDES Ltda.). O livro é dividido em três partes: A primeira parte é intitulada *Crítica da Sociologia Brasileira* e contém cinco capítulos. A segunda parte contém o texto integral da *Cartilha Brasileira do Aprendiz do Sociólogo*, publicado anteriormente por Est. De Artes Gráficas (Rio de Janeiro: C. Mendes Júnior, 1954) e o total de dez capítulos. A terceira parte intitula-se *Documentos Para uma Sociologia Militante* e contém três capítulos. A edição de 1995, assim como a original, contém um apêndice que inclui uma entrevista do autor para o jornal carioca *Última Hora* publicada nas edições de 07/06/56 e 28/07/56, respectivamente, com os seguintes títulos: *Sobre a crise brasileira e a sociologia no Brasil* e “... A descida aos infernos”. Na edição de 1995 foi resgatado o texto “O tema da transplantação na sociologia brasileira - Enteléquias na interpretação”, título redigido à mão pelo próprio Guerreiro Ramos no texto, Separata da Revista Serviço Social, Ano XIV, No. 74, São Paulo, 1954, pp. 73 -95 (cf. Clóvis Brigagão, p.12), publicado como Anexo. Dois textos de apresentação constam na edição de 1995. Um de autoria de Clóvis Brigagão (“Da Sociologia em Mangas de Camisa à Túnica Inconsútil do Saber”) e outro de autoria de Joel Rufino dos Santos (“O Negro como Lugar”).

## ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

sociologia brasileira, verificou que esta “representa uma efetiva indução de processos e tendências da sociedade brasileira ou instrumento de sua autocompreensão” (RAMOS, 1995: 36). Assim sendo, reconhece que naquela altura da década de 1950 a sociologia brasileira, em sua fase de amadurecimento, ainda se via “incapacitada para tornar-se o suporte de uma interpretação objetiva da sociedade brasileira” (idem) e sua evolução vinha se constituindo “segundo influências exógenas” e de acordo com as circunstâncias particulares externas, travando o desenvolvimento de um pensamento científico autêntico.

No texto “Esforços de teorização da realidade nacional politicamente orientados, de 1870 aos nossos dias” ([1955], 1995), Guerreiro se preocupou em situar um momento histórico de emergência de “esforços de teorização” que tentaram compreender o processo de desenvolvimento da sociedade brasileira. Para tanto seu estudo consta da análise sobre os republicanos de 1870; o movimento positivista; Sílvio Romero e a sociologia da sociedade republicana; os ideólogos da ordem e progresso; a revolução da classe média e a Revolução de 1930.

Em sua perspectiva sobre a geração de 1870, considerando o manifesto de 1870 sobre o Partido Republicano, compreende que para os republicanos “já eram bastante nítidas certas contradições entre as instituições vigentes e novas forças produtivas que buscavam o seu curso normal numa forma de organização não escravocrata” (RAMOS, 1995: 81). Para Guerreiro Ramos, o manifesto de 1870, como fruto de seu tempo, representou uma “sistematização dos pontos de estrangulamento que devem ser desfeitos, a fim de que sejam liberadas as novas tendências objetivas da sociedade imperial” (RAMOS, 1995: 81). Significou uma teorização “politicamente orientada” da realidade nacional, segundo o ponto de vista de setores da classe média que estavam alcançando o acesso na esfera de decisão política. Era de base pragmática e, portanto, “não científica”.

Sobre a concepção positivista do Brasil, Guerreiro Ramos destacou o seu “caráter normativo”. Tal perspectiva partiu de um conceito de “sociedade normal” e os “seus adeptos se preocupam de preferência em sublinhar o que concretamente lhes parece discrepante em função dos seus padrões” (RAMOS, 1995: p.84). São citados como esforços de teorizações de linha positiva autores adeptos de Auguste Comte, como Aníbal Falcão, com sua publicação *Fórmula da Civilização Brasileira* (1883) e Teixeira Mendes, com seu opúsculo *A Pátria Brasileira* (1881).

Sobre Sílvio Romero ainda que, para Guerreiro Ramos, este nunca tenha chegado a formular “uma teoria configurada do Brasil” é possível encontrar elementos difusos de uma teoria sobre o Brasil em várias de suas obras (RAMOS, 1995: 86), seja em *Parlamentarismo e Presidencialismo na República do Brasil* (1893) ou de modo mais elaborado em *O Evolucionismo e o Positivismo no Brasil* (1894), obra que Romero “apresenta grande importância como documento interpretativo da vida política nos primeiros anos da República” (RAMOS, 1995: 87). Segundo Guerreiro, encontramos em Romero “a lei sociológica que vai presidindo à gênese e à formação das principais correntes de opinião, com o objetivo de contribuir para a orientação dos espíritos” (idem). Neste sentido, entende que esta obra como “provavelmente a primeira meditação sociológica sobre os partidos políticos na República” (1995: 87). Outro aspecto relevante na obra de Sílvio Romero, para Guerreiro Ramos (1995: 89), está relacionado às suas críticas direcionadas às oligarquias: Romero “expressou uma contradição que nos nossos dias se torna uma das dificuldades fundamentais a ser

## ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

vencida no ajustamento da organização partidária às necessidades de desenvolvimento do país”. Desse modo, creditou a Romero uma importância em termos de reconhecimento do seu papel como “sociólogo” antes mesmo da institucionalização da sociologia no Brasil.

Em relação à geração da Primeira Guerra Mundial, composta pelos denominados “ideólogos da Ordem e Progresso” – alguns dos quais também são contemplados posteriormente no texto “A ideologia da ordem” – Guerreiro Ramos destacou figuras como Álvaro Bomílcar, Jackson de Figueiredo, Miguel Austregésilo, J. de Almeida Magalhães, Tasso da Silveira, José Cândido de Andrade Murici, Alberto Deodato, entre outros que fundaram a *Propaganda Nativista* (1919) realçando em seu programa medidas culturais e intelectuais de valorização nacionalista. Este grupo fundou a Ação Social Nacionalista, de onde emergem estudos publicados nos periódicos *Brazílea* e *Gil Blas* e livros como *A Política no Brasil* (Álvaro Bomílcar, 1920), *Nacionalismo Econômico* (Nicolau José Debané, 1917) e *Do Nacionalismo na Hora Presente* (Jackson de Figueiredo, 1921). O período vivenciado por tal geração intelectual, particularmente os anos de 1919-1925, corresponde aos períodos governamentais de Epitácio Pessoa e de Arthur Bernardes que foram, no dizer de Guerreiro, “marcados por apreciável inquietação social e até por convulsões de porte”, a exemplos da Reação Republicana em oposição à candidatura Arthur Bernardes, da fundação do Partido Comunista, em 1922, ano dos levantes da Escola Militar e do Forte de Copacabana e da revolução de julho de 1924, em São Paulo que obteve grande aceitação pública. (RAMOS, 1996: 94). Um destaque nesta sequência cronológica da análise de Guerreiro Ramos é dado à geração de escritores “nascida com a República”, que produz *À Margem da História da República* (1924), obra coletiva com participação de Carneiro Leão, Celso Vieira, Gilberto Amado, Jonathas Serrano, José Antônio Nogueira, Nuno Pinheiro, Oliveira Vianna, Pontes de Miranda, Ronald de Carvalho, Tasso da Silveira, Tristão de Athaíde, Vicente Licínio Cardoso. Tais escritores, segundo a leitura de Guerreiro, estiveram motivados por “um vago desejo de compreender o Brasil”, porém não é possível identificar seus “objetivos concretos”, diferentemente do que podia ser observado em relação aos grupos que anteriores. Dessa maneira, para Guerreiro, “esses escritores refletem, de modo mais ou menos ingênuo, as tendências centrípetas de autodeterminação atuantes na sociedade brasileira naquela época”. Suas ideias expressaram, por meio de “categorias conceituais inadequadas”, a “percepção ingênuo dos fatos”, carecendo assim da “participação volitiva no acontecer social” (RAMOS, 1995: 94-95).

Por fim, a geração de 1930, também analisada posteriormente em conferência no *Seminário Internacional. A Revolução de 30* (1983), é destacada como um dos esforços interpretativos da realidade nacional. Guerreiro Ramos observa o significado das mudanças na vida político-partidária brasileira a partir da Revolução de 1930 considerando a abertura dos quadros dirigentes para consideráveis contingentes da classe média; o início da institucionalização das forças econômicas, por meio da sindicalização; o início do processo de liquidação, no governo federal, da hegemonia de uns poucos Estados em detrimento dos restantes e a afirmação do princípio da intervenção do Estado na Economia, embora sob a forma de um “dirigismo” desconexo e às vezes caótico (RAMOS, 1995: 96).

O período de 1930 a 1937, portanto, foi marcado pelo grande esforço de teorização da realidade nacional, com destaque para três direções: (a) uma “direção

## ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

acadêmico-normativa”, que incluía os intelectuais caracterizados “pela adoção de uma concepção psicológica do processo social, na linha que se acreditava possível a salvação da sociedade através da tutela das massas exercida pelos mais esclarecidos, ou através da transformação do caráter do povo, pela educação” (RAMOS, ); (b) uma “direção indutiva”, na qual se inclui os intelectuais “que quase sempre desprovidos de instrumentos metodológicos de rigor científico, conseguiram, apesar disto, captar alguns aspectos essenciais dos acontecimentos”<sup>5</sup> e, (c) uma direção “pragmático-partidária”, na qual se incluem “as obras e os documentos que expuseram as diretrizes do Integralismo Brasileiro (fundado em 1932) e do Partido Comunista do Brasil, desde 1935 orientado por Luís Carlos Prestes” (RAMOS, 1995: 96-97).

Em relação a essas três direções, Guerreiro argumentou que, em geral, “refletem a necessidade de transformação dos métodos e processos políticos, por força do relativamente alto grau de diferenciação das classes sociais” e que “de nenhum dos esforços (...) mencionados resultou a formulação de uma ideologia orgânica da realidade nacional que refletisse a direção dominante do processo de desenvolvimento da sociedade brasileira, a despeito de contribuições fragmentárias, neste sentido, às vezes importantes” (RAMOS, 1995: 97).

Nos textos que compõem o capítulo intitulado *Três momentos ideológicos do Brasil* (RAMOS, 1961) há certo avanço analítico em relação à interpretação mais generalizante de Guerreiro Ramos presente em “Esforços de teorização da realidade nacional...” ([1955], 1995), tendo em vista que neles encontramos um exercício mais sistemático de classificação de três momentos ideológicos do Brasil (“ideologia da ordem”, *Jeunesse Dorée* e “inconsciente ideológico”), com suas respectivas características e representantes. Cabe lembrar que, aqui, Guerreiro Ramos se concentrará na geração de intelectuais que vivenciou o contexto da década de 1930, tema que ele voltará analisar na entrada da década de 1980 (RAMOS, 1983).

O momento classificado como “ideologia da ordem” tem como características um intenso compromisso dos intelectuais com as formas temporais da igreja; princípios conservadores; doutrinas maniqueístas que identificam na sociedade um jogo de forças entre o bem e o mal e, por fim, a percepção da política como uma questão moral (RAMOS, 1961: 141-151). São representantes desse momento intelectuais como Jackson de Figueiredo, Hamilton Nogueira, Alceu Amoroso Lima, Alcebíades Delamare, Durval de Moraes, Perilo Gomes, padre Assis Memória, Cardeal D. Jaime Câmara, Dom Helder Câmara, Gustavo Corção, Gladstone Chaves de Melo, Juarez Távora, Eduardo Gomes, Fernando Carneiro, Carlos Lacerda e José Artur Rios.

A *Jeunesse Dorée*, representada por figuras como Alceu Amoroso Lima (também citado como “ideólogo da ordem”), Afonso Arinos e Otávio de Farias, apresenta como características uma concepção da Humanidade e da sociologia em termos propriamente psicológicos; pela busca de soluções das questões do mundo por meio de operações psicológicas (o cristianismo, o primado das elites letradas, a melhoria do caráter nacional) e, por fim, o predomínio do costume e da tradição (RAMOS, 1961: 152-167).

O momento classificado como “Inconsciente sociológico” é caracterizado a partir do reconhecimento dos intelectuais que o compõem como sendo “sociólogos”

---

<sup>5</sup> Exemplos dados por Guerreiro Ramos: Martins de Almeida, Oliveira Vianna, Azevedo Amaral e Virgínia Santa Rosa.

## ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

(sem ter a consciência do fato), mesmo não sendo especialistas em sociologia, num sentido técnico, além de possuírem outras características como: a carência de uma teoria social orgânica; a confusão entre condição e natureza; a recorrência ao psicologismo e o fato de serem seguidores do empirismo-indutivista (RAMOS, 1961: 168- 184). São destacados como representantes dessa corrente, autores como Martins de Almeida, Virgínio Santa Rosa, Azevedo Amaral, Oliveira Vianna, José Maria dos Santos e Caio Prado Júnior.

No ano de 1961, quando surge a publicação de *A crise do poder no Brasil*, em que irá republicar os capítulos “A Ideologia *Jeunesse Dorée*” e “O Inconsciente Sociológico (estudo sobre a crise política do Brasil na década de 1930)”, que já constavam em Cadernos do Nosso Tempo (1955, 1956), além de acrescentar o capítulo “A Ideologia da Ordem”, Guerreiro Ramos participou da Comissão de Assuntos Econômicos, na condição de Delegado do Brasil, da XVI Assembleia Geral da ONU. Em 1962 lançou sua candidatura à Câmara Federal pelo Partido Trabalhista Brasileiro, representando o então estado da Guanabara, obtendo a condição de suplente e, no ano seguinte, assumiu a cadeira de Leonel Brizola, que foi eleito governador do Rio Grande do Sul. Teve seu mandato cassado pelo Golpe de 1964 e foi para o exílio nos Estados Unidos, onde se dedicou mais exclusivamente à carreira acadêmica em instituições como a Universidade de Yale e a universidade do Sul da Califórnia. Neste período focou, principalmente, na sociologia das organizações. Em 1980, a convite da organização do Seminário Revolução de 30, realizado pelo Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC), da Fundação Getúlio Vargas, voltou à abordagem sobre a história das ideias e sociologia dos intelectuais participando da mesa 5 “Intelectuais e Ideologia”, presidida por Francisco Assis Barbosa e coordenada por Lúcia Lippi Oliveira. Nesta mesa apresentou uma conferência intitulada *A inteligência brasileira na década de 1930, à luz da perspectiva de 1980*, que foi publicada no livro que resultou do referido Seminário de 30 (RAMOS, 1983).

A retomada do tema da história das ideias, após quase 20 anos o levou a um exercício um pouco menos generalizado sobre uma classificação da inteligência brasileira, em relação aos seus textos anteriores dedicados ao tema a partir do recorte da geração de intelectuais da década de 1930. Neste seu texto derradeiro sobre o tema, o recorte é mais amplo, foram incluídos intelectuais atuantes entre as décadas de 1920 a 1945. Aqui, a classificação da inteligência brasileira foi sistematizada por Guerreiro a partir de uma tipologia composta por três categorizações: em primeiro lugar trata de uma categoria composta por dois polos, um temático e outro posicional. O polo temático está subdividido entre as categorias de “hipercorreção” e o “pragmatismo crítico”. A categoria denominada como “hipercorreção” é caracterizada enquanto identificação ambivalente com o elemento nacional, tendendo a atribuí-lo a ideias e teorias importadas, eficácia direta na configuração dos comportamentos sociais, negligenciando seu contexto. Entre os intelectuais incluídos por Guerreiro Ramos nesta categoria de “hipercorreção,” estão os modernistas, Afonso Arinos, Gilberto Freyre, Sérgio Buarque de Holanda, além de outros representantes da literatura regionalista (impressionista). Em relação ao “pragmatismo crítico”, Guerreiro observa como característica o fato de que mesmo que haja identificação dos intelectuais inseridos nesta categoria com o elemento nacional, além da sensibilidade ao seu contexto, apresentam tendência mais a se servir das ideias e teorias importadas do que admitir a

## ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

sua exemplaridade abstrata. Entre seus representantes estão Oliveira Vianna e Azevedo Amaral.

A segunda classificação de Guerreiro Ramos qualifica a inteligência brasileira nas categorias de “*carlylianos*”, “*bonaldianos*” e “*gorkianos*”. Os *carlylianos* são caracterizados como elitistas à moda do escritor britânico Thomas Carlyle (1795-1881). Afrânio Peixoto é citado como representante desta categoria. Os *bonaldianos* são caracterizados como conservadores semelhantes a Louis de Bonald (1754-1840); são doutrinários; marcados por interpretações equivocadamente conservadoras da doutrina cristã. Entre seus representantes estão Jackson de Figueiredo, Hamilton Nogueira, entre outros intelectuais católicos. Por fim, também inseridos no polo temático, se encontram os *gorkianos*, cuja caracterização central se encontra na denúncia da miséria do povo, em referência ao escritor russo Máximo Gorki (1868-1936). Entre seus representantes estão os literatos regionalistas como José Américo de Almeida, Jorge Amado, José Lins do Rego, Jorge de Lima, Amado Fontes, Graciliano Ramos, Rachel de Queiroz, Marques Rebelo, além de outros intelectuais como Raimundo Soares, Araújo Lima e Josué de Castro.

A terceira classificação de Guerreiro Ramos, por sua vez situada no polo posicional, toma a configuração de poder de poder como referente dos diversos posicionamentos dos intelectuais da década de 1930. Estes são categorizados como “*cêntricos*”, “*periféricos*”, “*fronteiriços*”, “*confrontivos*” e “*independentes*”. Os intelectuais *cêntricos* são caracterizados como ideólogos do poder político vigente, a exemplo de Francisco Campos, Gustavo Capanema, Lindolfo Collor, Agamenon Magalhães, Oliveira Vianna (que havia aparecido na categoria do “pragmatismo político”) e Azevedo Amaral. Os *periféricos* são caracterizados como colaboradores sistemáticos da ordem política estabelecida e inseridos nesta categoria por Guerreiro Ramos estão os colaboradores da revista *Cultura Política* e os produtores de textos apologeticos do Departamento de Imprensa e Propaganda. Os *fronteiriços*, representados por Sebastião Leme, Alceu Amoroso Lima, Sobral Pinto, Jonathas Serrano e Alcebíades Delamare, se caracterizam como colaboradores sistemáticos da ordem política estabelecida. Os *confrontivos*, representados por nomes como os de Luiz Carlos Prestes, Otávio Mangabeira e Aparício Torelli (Barão de Itararé), são caracterizados como os adversários da ordem política estabelecida. Por fim, os *independentes* são caracterizados por Guerreiro Ramos como os analistas imparciais dos eventos. Nesta categorização estão inseridos Gilberto Amado, Martins de Almeida, Virgínio Santa Rosa, Caio Prado Júnior e Nestor Duarte.

Apresentado os registros de Guerreiro Ramos sobre a inteligência brasileira, a partir de seus traços gerais e de categorizações mais específicas, algumas ponderações podem ser feitas em relação à maneira como ele se dedicou ao tema. A primeira delas e, de certo modo mais óbvia, é a de que qualquer tipologia neste sentido possui uma carga de arbitrariedade, ainda que tenha um valor enquanto um exercício de sistematização para a construção de uma história das ideias e/ou uma sociologia dos intelectuais. Ao citar um mesmo autor em diferentes correntes, como fez Guerreiro Ramos, no caso de Afonso Arinos, por exemplo, pode-se observar que o exercício de categorização pode não dar conta de abarcar um autor em sua totalidade e, por outro lado, é importante ressaltar que é bem possível que uma determinada categorização não elimina

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

necessariamente outra, pois estas podem estar divididas por tênues fronteiras. O próprio Guerreiro Ramos demonstrou-se consciente disso.

Um aspecto que considero bem relevante é o fato de Guerreiro Ramos ter, de certo modo, inaugurado dentro do campo das ciências sociais, uma perspectiva que dialoga com a história das ideias sociológicas no Brasil e com uma “sociologia dos intelectuais no Brasil” que, posteriormente se tornaria tema de interesse para outros estudiosos como, por exemplo, Wanderley Guilherme dos Santos (1967), ao tratar da “imaginação política brasileira”; Bolívar Lamounier (1977) e seu estudo sobre a formação de um pensamento político autoritário na Primeira República; Gildo Marçal Brandão (2005), em seu estudo sobre as linhagens do pensamento político brasileiro; Maria Teresa Sadek Souza (1982), com sua análise sistemática sobre o pensamento social e político brasileiro; até estudos mais recentes, a exemplo dos textos de Chrystian Edward Cyril Lynch (2016) e Marco Antônio Perusso (2021) que também desenvolveram reflexões, cada qual a seu modo e com objetivos específicos, que contribuem para a possibilidade de reflexão sobre o pensamento social brasileiro.

Ainda que eu já tenha explorado de modo periférico o tema da inteligência brasileira na perspectiva de Guerreiro Ramos em minha dissertação de mestrado (2000), que foi, posteriormente, publicada em livro (SOUZA, 2009) minha intenção em retornar a esta questão, além de reforçar a importância das contribuições deste autor para uma história das ideias sociológicas no Brasil, teve também como objetivo acrescentar a leitura de *O processo da sociologia no Brasil* (1953); *Notas para um estudo crítico do Brasil* ([1954] 1995) que naquela ocasião do mestrado eu não havia explorado. Entendo que com a referida obra Guerreiro Ramos dá um passo significativo para o desenvolvimento de uma história das ideias sociológicas no Brasil e da construção de uma sociologia dos intelectuais. Ainda há muito para ser explorado em relação ao tema, mas levantei aqui algumas possibilidades de se pensar em Guerreiro Ramos como um “historiador das ideias”.

## Referências

BRANDÃO, Gildo Marçal. Linhagens do pensamento político brasileiro. Dados – Revista de Ciências Sociais, v. 48, n. 2, 2005, pp. 231-269.

DOMINGUES, Petrônio. Quilombo (1948-1950): uma polifonia de vozes afro-brasileiras. In: Ciências & Letras. No. 44, 2008, p. 261- 289.

LAMOUNIER, Bolívar. Formação de um pensamento político autoritário na Primeira República: uma interpretação. In: FAUSTO, Boris (org.). *História geral da civilização brasileira - o Brasil republicano* São Paulo: Difel, 1977, pp. 343-374.

LYNCH, Christian Edward Cyril. Cartografia do pensamento político brasileiro: conceito, história, abordagens. *Revista Brasileira de Ciência Política*, n. 19, 2016, pp. 75-119.

## **ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021**

MAIO, Marcos Chor. Cor, intelectuais e nação na sociologia de Guerreiro Ramos. Cadernos EBAPE.BR, v. 13, Edição Especial, Artigo 5, Rio de Janeiro, Set. 2015, pp. 605-630.

MICELI, Sergio (org.). História das Ciências Sociais no Brasil, vol. 1. São Paulo: Vértice, Editora Revista dos Tribunais; IDESP, 1989.

OLIVEIRA, Lúcia Lippi. A sociologia do Guerreiro. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1995.

PERRUSO, Marco Antônio. Classificações do pensamento brasileiro em perspectiva sociológica. Lua Nova: Revista de Cultura e Política, N. 111, set.-dez., 2020, pp. 211-248.

RAMOS, Alberto Guerreiro. O processo da sociologia no Brasil (esquema de uma história de ideias). Rio de Janeiro: Cândido Mendes Júnior, 1953.

RAMOS, Alberto Guerreiro. Introdução crítica à sociologia Brasileira. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1995.

RAMOS, Alberto Guerreiro. A redução sociológica. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1996.

RAMOS, Alberto Guerreiro. A crise do poder no Brasil (Problemas da revolução nacional brasileira). Rio de Janeiro: Zahar, 1961.

RAMOS, Alberto Guerreiro. A inteligência brasileira na década de 1930 à luz da perspectiva em 1980. In: Revolução de 1930; Seminário Internacional. Brasília: UnB, 1983.

SANTOS, Wanderley Guilherme. Raízes da imaginação política brasileira. *Dados. Revista de Ciências Sociais*, n. 7, 1970. pp. 137-161.

SARTRE, Jean-Paul. Em defesa dos intelectuais: São Paulo: Ática, 1994.

SOUZA, Márcio Ferreira de. Guerreiro Ramos e o desenvolvimento nacional: a construção de um projeto para a nação. Belo Horizonte: Argvmentvm, 2009.

SOUZA, Maria Tereza Sadek R. Análises sobre pensamento social e político brasileiro. *BIB - Boletim Informativo e Bibliográfico de Ciências Sociais*, n. 12, 1982. pp. 7-21.